

7 **QUEM QUER SER APAGADA?<sup>i</sup>  
MEMÓRIA COLETIVA E  
ASSIMETRIA SIMBÓLICA**

Rosa Cabecinhas

➤ **MEMÓRIA COLETIVA E ASSIMETRIA SIMBÓLICA**

Nas últimas décadas registou-se um crescimento assinalável de estudos sobre memória coletiva no âmbito da Psicologia Social. O chamado *boom* dos estudos sobre memória tem permitido revisitar com um novo olhar os trabalhos clássicos de Bartlett (1932/1995) e de Halbwachs (1925/1994), contribuindo para o desenvolvimento de novas linhas de investigação interdisciplinares<sup>ii</sup>.

A memória coletiva é simultaneamente um processo e um produto da atividade criativa das pessoas e dos grupos, em permanente (re)construção, influenciando e sendo influenciada pelas vivências do presente.

Assim, o conceito de memória coletiva está intimamente relacionado com outros dois conceitos fundamentais: identidades sociais (Tajfel, 1974, 1981/1983) e representações sociais (Moscovici, 1961/2004, 1988). No entanto, a articulação entre estes conceitos não pode ser feita num vazio social e sem ter

em consideração as múltiplas e persistentes assimetrias de estatuto social e de poder que marcam a vida das pessoas e as suas trajetórias, assim como as interações intra e intergrupais (Amâncio, 1994; Lorenzi-Cioldi, 2002). Resumindo, no nosso entendimento, as dinâmicas da memória coletiva só podem ser compreendidas na sua interligação com os processos identitários, as representações sociais e o contexto social e cultural envolvente, o que passa necessariamente pela articulação de níveis de análise (Doise, 1982).

Diversos autores têm salientado as funções identitárias da memória social: a definição da identidade do grupo de pertença, em comparação com exogrupos considerados relevantes; a construção ou manutenção da distintividade positiva do endogrupo, através da seleção do que é lembrado ou esquecido; a justificação de ações passadas, presentes ou futuras do endogrupo; a legitimação da ordem social vigente ou a mobilização para a ação coletiva com vista à mudança social (e.g. Cabecinhas, Lima & Chaves, 2006; Licata & Klein, 2005). Assim, o modo como cada grupo social (re)interpreta o seu passado tem implicações nas suas ações e vivências quotidianas, nas visões do presente e na definição de agendas para o futuro (Liu & Hilton, 2005).

Licata e Klein (2005, p.243) consideram a memória coletiva “como um conjunto de representações do passado compartilhadas com base em uma identidade comum aos membros de um grupo”. Esta definição toma como sinónimas as expressões “memória coletiva” e “representações sociais da história” (Liu & Hilton, 2005). Nos últimos anos têm sido realizados estudos sobre as representações sociais da história mundial utilizando metodologias semelhantes em diversos países, permitindo análises comparativas (e.g. Liu *et al.*, 2005, 2009; Pennebaker *et al.*, 2006). Um conjunto de tendências sistemáticas têm sido observadas nos estudos realizados sobre as representações sociais da história mundial: a) *centralidade da guerra e conflito* – tendência a considerar eventos relativos a guerras, terrorismo, conflitos e revoluções entre os mais importantes da história mundial, em detrimento de outros tipos de eventos, como por

exemplo, os referentes a assuntos socioeconómicos ou a realizações científicas e tecnológicas; b) *efeito de recência* – tendência para recordar os acontecimentos mais recentes (com destaque para os que envolvem as últimas três ou quatro gerações), em detrimento dos mais remotos; c) *sociocentrismo* – tendência para considerar os acontecimentos que ocorreram no seu próprio país, ou que envolveram diretamente o seu país, entre os mais importantes para a história mundial; d) *eurocentrismo* ou *ocidentalismo* – tendência para considerar como mais importantes os acontecimentos que ocorreram na Europa ou nos Estados Unidos da América (EUA), reproduzindo as atuais relações de poder na ordem mundial (Liu *et al.*, 2005, 2009).

Estas “tendências sistemáticas” ou “enviesamentos<sup>iii</sup>” têm sido observados em estudos nos quais os participantes foram solicitados a evocar espontaneamente os acontecimentos e as personalidades mais importantes na história mundial (para uma revisão recente ver Hilton & Liu, 2017).

No entanto, estes estudos demonstraram também um outro tipo de tendência sistemática que não tem sido objeto de atenção: quase todas as personalidades espontaneamente evocadas pelos participantes – em estudos realizados nas Américas, Ásia, Europa e Oceania – são homens, sendo muito escassas as referências a mulheres, apesar das amostras serem constituídas majoritariamente por mulheres.

A escassa teorização sobre o apagamento das mulheres nas representações sociais da história mundial ilustra até que ponto se naturalizou a forte assimetria simbólica (Amâncio, 1997, 2017) que continua a relegar as mulheres para a esfera privada em detrimento da esfera pública (Cerqueira et al., 2014; Lobo & Cabecinhas, 2010; Gallagher, 2001; Gallego, 2000; Tuchman, 1978).

Os “enviesamentos” atrás referidos foram observados num conjunto de estudos sobre representações sociais da história mundial realizados junto de estudantes universitários em diversos países. Será que o mesmo padrão de resultados pode ser observado no que respeita às representações da história nacional?

Com o objetivo de responder a esta questão e de explorar eventuais convergências realizámos um conjunto de estudos sobre representações sociais da história - mundial e nacional - junto de estudantes em seis países de língua oficial portuguesa. Do ponto de vista empírico, procedemos a uma triangulação metodológica, que passou pela realização de inquéritos por questionário, entrevistas, grupos focais e a análise de discursos no ciberespaço lusófono (Cabecinhas, 2012). Foram utilizados os mesmos procedimentos de recolha e de tratamento de dados nos vários países, de modo a permitir análises comparativas.

Neste capítulo iremos focar-nos apenas nos resultados obtidos através de inquérito por questionário, mas pontualmente utilizaremos os dados recolhidos através das demais metodologias para efeitos de contextualização. A recolha de dados por

questionário decorreu em sete países: Angola (Luanda, 2008), Brasil (Salvador da Bahia, 2003), Cabo Verde (Ilha de Santiago, 2007), Moçambique (Maputo, 2009), Portugal (Braga, 2003 e 2009) e Timor-Leste (Díli, 2004). No total participaram neste estudo 1106 estudantes universitários, 571 homens e 535 mulheres, com idade média de 23 anos.

Os estudantes foram convidados a participar num estudo internacional sobre história, sendo-lhes explicado que o que interessava era a sua opinião pessoal e não o seu nível de conhecimentos. Na primeira parte do questionário os participantes foram convidados a responder a um conjunto de questões abertas sobre os acontecimentos e personalidades da história da humanidade e da história nacional, seguindo uma adaptação da metodologia desenvolvida por Liu *et al.* (2005). Neste capítulo iremos discutir, de forma comparativa, os resultados referentes à evocação livre de personalidades da história da humanidade e da história nacional.

Foi pedido aos participantes para listarem as cinco personalidades que consideravam mais importantes na história da humanidade. Uma vez efetuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto (positivo ou negativo) de cada uma dessas personalidades e, posteriormente, indicar as emoções associadas. A evocação das “personalidades” e das “emoções” a elas associadas foi efetuada de forma completamente livre (não era fornecida qualquer listagem prévia aos participantes para não condicionar as suas respostas). Já o nível de impacto foi medido através de uma escala fechada (1 = muito negativo; 7 = muito positivo). Posteriormente, foi seguido um procedimento idêntico para a evocação dos acontecimentos e das personalidades da história nacional dos respetivos países<sup>iv</sup>. Os resultados referentes às dez personalidades mais mencionadas (*Top 10*) em cada um dos países já foram apresentados, em parte, em trabalhos anteriores (Cabecinhas, 2006; Cabecinhas et al., 2006; Cabecinhas & Évora, 2008; Feijó & Cabecinhas, 2009; Mendes, Silva & Cabecinhas, 2010). Nas secções seguintes iremos discutir, de forma comparativa, os dados relativos à evocação espontânea de personalidades referentes à história da humanidade e à história nacional.

## ➤ O APAGAMENTO DAS MULHERES NAS REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A Tabela 1 apresenta os dados relativos às frequências (absolutas e relativas) de evocação espontânea das personalidades mais importantes na história da humanidade em função do país de recolha de dados. Como se pode observar, os participantes evocaram sobretudo pessoas singulares, tendo sido raras as respostas referentes a “grupos” (por exemplo, “Nazis”, “militares”, etc.). Tais dados apontam para um efeito de *personalização*, no qual a história aparece como produto da agência individual<sup>v</sup>. Os dados espelham ainda o apagamento das mulheres nas representações da história da humanidade: num total de 3398 respostas, apenas 4,7% correspondem a personalidades femininas. Este padrão de resultados, fortemente androcêntrico, foi verificado nos vários países, tendo sido ligeiramente menos acentuado em Portugal<sup>vi</sup>. De salientar ainda que este padrão de resultados foi transversal a homens e a mulheres.

Os resultados referentes às dez personalidades da história da humanidade mais mencionadas (*Top 10*) em cada um dos países já foram apresentados e discutidos em trabalhos anteriores<sup>vii</sup>.

Como foi salientado, a maior parte das personalidades evocadas no *Top 10* na história da humanidade são homens, brancos, oriundos de países ocidentais.

Verificou-se um forte efeito de recência, com destaque para as personalidades dos últimos cem anos (séculos XX e XXI). No que respeita aos domínios de realização das personalidades evocadas, verificou-se um predomínio de governantes, políticos, líderes militares e líderes religiosos, em detrimento de outras áreas de atividade, evidenciando assim um padrão de dados semelhante ao de estudos anteriores realizados em países ocidentais e países asiáticos (Liu et al., 2005).

**Tabela 1** – Personalidades da história da humanidade: Frequências de evocação espontânea em função do país

País	Personalidades Femininas	Personalidades Masculinas	Grupos
Brasil	24 4,7%	489 95,3%	0 0,0%
Cabo Verde	21 3,5%	578 96,5%	0 0,0%
Moçambique	24 3,6%	647 96,4%	0 0,0%
Portugal	70 6,1%	1071 93,6%	3 0,3%
Timor Leste	19 4,0%	444 94,3%	8 1,7%
<b>Total</b>	<b>158</b>	<b>3229</b>	<b>11</b>
<b>3398</b>	<b>4,7%</b>	<b>95,0%</b>	<b>0,3%</b>

Nota: As frequências relativas (percentagens) poderão não totalizar 100% devido a arredondamentos.

Considerando o total da amostra, as mulheres ficaram ausentes do *Top 10* das personalidades mundiais<sup>viii</sup>. Assim, verificou-se uma enorme convergência nos diversos países no sentido do (quase) total apagamento das mulheres na história da humanidade. Para além da forte assimetria numérica, que se traduz numa invisibilização do papel das mulheres na história, é importante referir o tipo de papéis a que as mulheres evocadas estão associadas.

Globalmente a mulher mais mencionada foi a Madre Teresa de Calcutá, referida por 9% dos participantes (15% dos participantes portugueses; 9% dos participantes brasileiros; 7% dos

participantes cabo-verdianos, 7% dos participantes moçambicanos e 6% dos participantes timorenses). De referir que Madre Teresa de Calcutá foi também a mulher mais mencionada nos estudos realizados anteriormente noutros países (Liu et al., 2005).

A segunda mulher mais evocada foi Diana de Gales<sup>ix</sup> (designada pelos participantes como *Princesa Diana* ou *Lady Di*), referida por 5% dos participantes (8% dos participantes timorenses, 7% dos participantes moçambicanos, 5% dos participantes portugueses, 4% dos participantes brasileiros; e 4% dos participantes cabo-verdianos).

Outras personalidades femininas obtiveram percentagens residuais de evocação, inferiores a 1%. Entre estas, destacam-se Joana d'Arc, Margaret Thacher e Marie Curie (referidas por 0,7% da globalidade dos participantes). Assim, a referência a mulheres que se destacaram na liderança política é residual, sendo Marie Curie a única mulher cientista mencionada.

As poucas mulheres evocadas espontaneamente pelos participantes são sobretudo figuras públicas envolvidas em causas humanitárias, ações de caridade, papéis de cuidado e outras funções de expressividade, exercendo papéis consonantes com os estereótipos tradicionais de género.

Globalmente, este padrão de resultados aponta para os limites de considerar apenas a pertença grupal dos participantes, já que tanto os homens como as mulheres projetaram nas suas respostas a internalização de uma ordem social dominante, hegemónica e androcêntrica, o que evidencia claramente a dominação simbólica masculina (Amâncio, 1997, 2017).

### ➤ O APAGAMENTO DAS MULHERES NAS REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA NACIONAL

No que respeita às personalidades mais referidas pelos participantes no âmbito da história nacional dos respetivos países, o padrão de resultados obtido apresenta algumas convergências relativamente às representações da história mundial.

Os resultados referentes às dez personalidades da história nacional mais mencionadas (*Top 10*) em cada um dos países já foram discutidos em trabalhos anteriores (Cabecinhas, 2006; Cabecinhas et al., 2006; Cabecinhas & Évora, 2008; Feijó & Cabecinhas, 2009; Mendes, Silva & Cabecinhas, 2010), pelo que aqui iremos revisitar esses resultados de forma comparativa. Como se pode observar na Tabela 2, verifica-se uma forte assimetria de género: as personalidades espontaneamente mencionadas como importantes na história nacional são maioritariamente masculinas, sendo a percentagem de evocação de personalidades femininas superior para os participantes do sexo feminino (11,5%) do que para os participantes do sexo masculino. Este padrão de resultados que incorpora uma matriz androcêntrica foi observado nos vários países, sendo particularmente acentuado no caso de Timor-Leste, com apenas 2,7% de evocação de personalidades femininas.

**Tabela 2** – Personalidades da nacional: Frequências de evocação espontânea em função do país de recolha de dados e do sexo dos participantes

País	Personalidades Femininas	Personalidades Masculinas	Grupos
Angola	122 15,0%	691 85,0%	0 0,0%
Brasil	43 8,5%	461 90,7%	4 0,8%
Cabo Verde	77 13,0%	515 86,8%	1 0,2%
Guiné-Bissau	55 6,5%	786 93,5%	0 0,0%
Moçambique	118 13,9%	730 86,1%	0 0,0%
Portugal	68 6,0%	1059 93,6%	4 0,4%
Timor Leste	13 2,7%	461 96,2%	5 1,0%
<b>Total</b>	<b>496</b>	<b>4703</b>	<b>14</b>
<b>5213</b>	<b>9,5%</b>	<b>90,2%</b>	<b>0,3%</b>

Nota: As frequências relativas (percentagens) poderão não totalizar 100% devido a arredondamentos.

No caso de Timor-Leste nenhuma mulher foi colocada no *Top 10* das personalidades da história nacional e apenas três personalidades femininas foram espontaneamente evocadas pelos participantes: Rosa Muki Bonaparte (7,3%), fundadora da OPMT (Organização Popular das Mulheres Timorenses) em 1975 e que viria a ser assassinada pelas tropas indonésias em dezembro

desse mesmo ano; Olindina Maria Caeiro (3,2%) e Ana Pessoa (2,1%), que se destacaram na resistência timorense à ocupação indonésia.

Em Cabo Verde apenas uma mulher foi colocada entre as dez mais importantes personalidades nacionais: a “deusa da morna” Cesária Évora (1941-2011), nomeada por 47,1% dos participantes. Foram ainda evocadas Adélcia Pires, esposa do então Presidente da República, e Nácia Gomi, consagrada interprete de música tradicional cabo-verdiana, ambas mencionadas por 4,1% dos participantes.

Um padrão de resultados idêntico foi observado no estudo realizado em Portugal: apenas uma mulher, também ela ligada ao mundo artístico, surgiu no *Top 10* das personalidades nacionais: a fadista Amália Rodrigues (1920-1999), mencionada por 15% dos participantes. As referências a outras personalidades femininas foram residuais: Manuela Ferreira Leite (economista e líder política, que foi Ministra da Educação e Ministra de Estado e das Finanças) e Rosa Mota (campeã olímpica) são as personalidades femininas vivas mais evocadas, obtendo ambas 1,7% das evocações, tantas quanto a mítica Padeira de Aljubarrota<sup>x</sup>. De notar que, num quadro em que dominam as referências a políticos e governantes, não houve qualquer menção a Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004), que foi Primeira Ministra de Portugal.

Nos dados recolhidos no Brasil, duas personalidades nacionais femininas são destacadas: a Princesa Isabel (1846-1921), associada à abolição da escravatura no Brasil (13 de Maio de 1888), e a Irmã Dulce (1914-1992), religiosa baiana que se destacou na luta contra a pobreza. Para além da Irmã Dulce e a Princesa Isabel (ambas com 11,4%), os participantes brasileiros destacaram ainda Maria Quitéria (1792-1853), (7,4%) “mulher-soldado” baiana associada à conquista da independência do Brasil e Xuxa<sup>xi</sup>, atriz, cantora e apresentadora de televisão.

Na Guiné-Bissau destaca-se a referência a Titina Silá (1943-1973), mencionada por 29% dos participantes), mártir da luta

de libertação, sendo o dia da sua morte (30 de janeiro) comemorado como o Dia Nacional da Mulher Guineense.

No caso de Angola, duas personalidades femininas são destacadas: a Rainha Njinga Mbandi (referida por 40% dos participantes) e Deolinda Rodrigues (13%). Njinga Mbandi comandou exércitos para expulsar as tropas portuguesas no século XVII, tendo sido recentemente revitalizada na esfera pública angolana como símbolo da resistência contra o colonialismo português. Deolinda Rodrigues (1939-1968) foi combatente na luta pela libertação nacional, tendo sido assassinada em 1968.

Nos dados recolhidos em Moçambique destacaram-se três mulheres no *Top 10* das personalidades nacionais: Josina Machel (1945-1971), heroína da luta de libertação nacional, foi referida por 30% dos participantes; Lurdes Matola, campeã olímpica, foi a segunda mulher mais mencionada (16% dos participantes); e Graça Machel (14% dos participantes), a terceira<sup>xii</sup>.

Resumindo, globalmente, verificou-se uma predominância de governantes e outras personalidades ligadas à política no *Top 10* da história nacional, tal como aconteceu no *Top 10* da história mundial, mas a referência a mulheres exercendo funções políticas ou outras funções de liderança foi escassa.

Em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique foi dado algum destaque a mulheres que combateram na luta de libertação nacional, sobretudo às que morreram jovens (por exemplo, Titina Silá, Deolinda Rodrigues, Josina Machel).

## ➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho focámo-nos nos resultados obtidos através de um exercício de evocação espontânea das personalidades consideradas mais importantes da história mundial e da história nacional. Os resultados evidenciam o peso da forte assimetria simbólica que contribui para o (quase) apagamento do papel das mulheres na história.

Nos grupos focais, quando confrontámos estudantes universitários com este padrão de resultados, este apagamento foi considerado pelos participantes como “natural” e espelhando simplesmente uma desigualdade histórica, que entretanto teria sido ultrapassada, com a maior participação das mulheres na esfera pública, nomeadamente em funções de liderança. Na opinião dos estudantes, homens e mulheres, trata-se de uma questão que já não se coloca, pois essas desigualdades fazem parte do “passado” e são “história”. No entanto, é de salientar que no caso da evocação das personalidades importantes na história mundial os participantes foram chamados a pronunciar-se sobre os “últimos mil anos da história da humanidade” mas verificou-se uma grande focalização no passado muito recente (sobretudo na história do século XX e XXI). No caso da história nacional não foi dada nenhuma baliza temporal e o efeito de recência foi ainda mais pronunciado, com um domínio nítido de referências ao presente ou passado muito próximo. Ou seja, o argumento de que as mulheres foram esquecidas porque “antigamente” não desempenhavam funções de liderança não pode ser tomado como explicação para os resultados obtidos. De facto, a grande maioria das personalidades evocadas, tanto homens como mulheres, são pessoas que se destaca(ra)m na agenda mediática contemporânea.

Resumindo, as personalidades consideradas mais importantes na história da humanidade foram na sua esmagadora maioria homens, brancos e cristãos, de elevado estatuto social, especialmente no caso dos dados recolhidos no Brasil e em Portugal. Paralelamente ao que se verificou nas evocações da história

mundial, os dados evidenciaram também o silenciamento do papel das mulheres na história nacional.

As mulheres que se destacaram em ações humanitárias e em funções de expressividade são avaliadas muito positivamente, sendo-lhe associadas emoções positivas como a admiração e orgulho. Já às líderes políticas, o impacto e a tonalidade emocional que lhes é atribuído parece depender mais de relações de parentesco (filhas ou esposas de líderes políticos) do que das suas próprias ações individuais. Em contrapartida, as mulheres que exerceram uma liderança política transgredindo os papéis tradicionais de género, foram consideradas “duras” e, comparativamente às anteriores, foram penalizadas nas avaliações dos participantes (por exemplo, Margaret Thacher, Manuela Ferreira Leite). As exceções são mulheres que morreram jovens (por exemplo, Titina Silá, Josina Machel) que entretanto se tornaram num ícone da luta de libertação nos respetivos países.

Como referimos anteriormente, neste estudo participaram apenas jovens, cujos dados não podem ser extrapolados para a população em geral. Na interpretação dos dados aqui discutidos não podemos esquecer que estes foram recolhidos num dado “tempo” e num dado “espaço”, elementos fundamentais na estruturação das memórias coletivas. No entanto, uma vez que os dados empíricos foram recolhidos ao longo de uma década nos diferentes países e em alguns deles foi possível realizar mais do que uma fase de recolha de dados, constatámos que os resultados recolhidos mais recentemente apresentam o mesmo grau de apagamento das personalidades femininas, o que evidencia o muito que ainda há a fazer para combater uma memória pública masculinizada e hegemónica.

## ➤ REFERÊNCIAS

- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.
- Amâncio, L. (1997) The Importance of Being Male: Ideology and Context in Gender Identities. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 2, 79–94.
- Amâncio, L. (2003) Género e assimetria simbólica. O lugar da história na psicologia social. In: M. L. Lima, P. Castro & M. Garrido (eds.) *Temas e debates em psicologia social* (pp. 111–24). Lisboa: Livros Horizonte.
- Amâncio, L. (2017). Assimetria Simbólica. Breve história de um conceito. In: Oliveira, J.M. & Amâncio, L. (eds.) (2017) *Genéro e Sexualidades - Intersecções e Tangentes* notas (pp.17-36). CIS-IUL: Lisboa.
- Bartlett, F. C. (1932/1995). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge, MA, USA: Cambridge University Press.
- Cabecinhas, R. (2006) Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste. In: Martins, M., Sousa, H., & Cabecinhas, R. (Eds.). *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos média* (pp. 183-214). Porto: Campo das Letras.
- Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (1999). Asymmetries in the perception of other as a function of social position and context. *Swiss Journal of Psychology*, 58(1), 40-50.
- Cabecinhas, R., & Évora, S. L. (2008). “Visões do Mundo e da Nação: jovens cabo-verdianos face à história” (pp. 2685-2706). In: Martins, M. & Pinto, M. (org.) *Comunicação e Cidadania. Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

- Cabecinhas, R., & Feijó, J. (2010). "Collective memories of Portuguese colonial action in Africa: Representations of the colonial past among Mozambicans and Portuguese youths". *International Journal of Conflict and Violence*, 4 (1), 28-44.
- Cabecinhas, R., Lima, M. & Chaves, A. (2006). "Identidades nacionais e memória social: Hegemonia e polémica nas representações sociais da história" (pp. 67-92). In: Miranda, J. & João, M. I. (Eds.) *Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta.
- Cabecinhas, R., & Nhaga, N. (2008) "Memórias coloniais e diálogos pós-coloniais. Guiné-Bissau e Portugal" (pp. 109-132) In: Cabecinhas, R. & Cunha, L. (Eds.) *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Porto: Campo das Letras.
- Cerqueira, C., Magalhães, S.I., Santos, A., Cabecinhas, R. & Nogueira, C. (2014) *De outro género: Propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo*. Braga: CECS.
- Doise, W. (1982). *L'Explication en Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaire de France.
- Feijó, J. & Cabecinhas, R. (2009) Representações da história de Moçambique por parte de estudantes universitários de Maputo. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 7, 37-52.
- Gallagher, M. (2001). *Gender Settings: News Agenda for Media Monitoring and Democracy*. London: Zed Press.
- Gallego, J. (2000). *El sexo de la noticia: Reflexiones sobre el género en la información y recomendaciones de estilo*. Barcelona: Icaria.
- Halbwachs, M. (1925/1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, France: Albin Michel.
- Hilton, D., & Liu, J. H. (2017). History as the narrative of a people: From function to structure and content. *Memory Studies*, 10(3), 297-309.

- Licata, L., & Klein, O. (2005). Regards croisés sur un passé commun: anciens colonisés et anciens coloniaux face à l'action belge au Congo. In M. Sanchez-Mazas, & L. Licata (eds.), *L'Autre: Regards psychosociaux* (pp.241-277). Saint-Martin d'Hères: Presses Universitaires de Grenoble.
- Liu, J. H., & Hilton, D. (2005). How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories. *British Journal of Social Psychology*, 44, 537-556.
- Liu, J. H., Goldstein-Hawes, R., Hilton, D. J., Huang, L. L., Gastardo-Conaco, C., Dresler-Hawke, E., et al. (2005). Social representations of events and people in world history across twelve cultures. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 36, 171-191.
- Liu, J. H., Páez, D., Slawuta, P., Cabecinhas, R., Techio, E., Kokdemir, D., et al. (2009). Representing world history in the 21<sup>st</sup> Century: The impact of 9-11, the Iraq War, and the nation-state on dynamics of collective remembering. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40, 667-692.
- Lobo, P., & Cabecinhas, R. (2010). The Negotiation of Meanings in the Evening News: Towards an Understanding of Gender Disadvantages in the Access to the Public Debate. *International Communication Gazette*, 72 (4-5): 339-358.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2002). *Les Représentations des groupes dominants et dominés Collections et agrégats*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Mendes, J., Silva, E., & Cabecinhas, R. (2010). "Memória colectiva e identidade nacional: Jovens angolanos face à História de Angola". *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 8, 206-221.
- Moscovici, S. (1961/2004). *La psychanalyse son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Pennebaker, J. W., Páez, D., Deschamps, J. C., Rentfrow, J., Davis, M., Techio, E. M., et al. (2006). The social psychology of history: Defining the most important events of world history. *Psicología Política*, 32, 15-32.
- Ngomane, N. (2012) Quem quer ser apagado? *Semanário Sol*, 06/01/2012.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Social Science Information*, 13, 65-93.
- Tajfel, H. (1981/1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. 1 e 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tuchman, G. (1978). Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media. In G. Tuchman, A. K. Daniels, & J. Benet (eds.) *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media* (pp. 3-38). New York: Oxford University Press.

## ➤ NOTAS

- i. Título inspirado na crónica de Nataniel Ngomane (06/01/2012) “Lusofonia: quem quer ser apagado?”
- ii. Ver, por exemplo, os números especiais dedicados ao tema: *Culture & Psychology* (2017), *Journal of Intercultural Relations* (2017), *Journal of Social and Political Psychology* (2017) e *Memory Studies* (2017).
- iii. As abordagens *mainstream* em psicologia cognitiva tendem a considerar os “enviesamentos” como decorrentes das limitadas capacidades de processamento da informação ou da falta de informação alternativa, descorando o papel das assimetrias de estatuto e de poder (Cabecinhas & Amâncio, 1999).
- iv. Os questionários aplicados nos diferentes países tinham a mesma estrutura básica e foram redigidos em língua portuguesa, tendo sido efetuadas pequenas adaptações de conteúdo e de linguagem em função do país em causa. Em Angola e na Guiné-Bissau o questionário aplicado não incluiu a evocação espontânea das personalidades da história da humanidade, apenas foram evocadas as personalidades da história nacional.
- v. Neste caso, a forma como foi solicitada a tarefa aos participantes poderá também ter contribuído para esse efeito de personalização, questão a esclarecer em futura investigação.
- vi. De referir que não se verificou uma diferença significativa na percentagem de evocação espontânea de personalidades femininas em função do ano em que foram recolhidos os dados em Portugal (2003 e 2009), pelo que estes agrupados.
- vii. Para mais detalhes ver, por exemplo, Cabecinhas et al. (2006).
- viii. Madre Teresa de Calcutá surge entre as dez personalidades mais referidas pelos participantes portugueses, mas globalmente não figura no *Top 10*.

- ix. Diana de Gales foi também a segunda mulher mais referida na maior parte dos países em que foi usada uma metodologia semelhante (Liu et al., 2005). Tal facto evidencia bem o peso dos media na estruturação das memórias coletivas.
- x. Brites de Almeida, que segundo a lenda terá contribuído para a vitória dos portugueses na Batalha de Aljubarrota, ao matar sete espanhóis escondidos no seu forno com a pá.
- xi. Maria da Graça Meneghel, de nacionalidade brasileira e italiana, nascida em 1963.
- xii. Foram realizados grupos focais com outros participantes para discutir os resultados. Nessas discussões Josina Machel e Graça Machel foram evocadas sobretudo na qualidade de “esposas” de Samora Machel e não tanto pelas suas próprias realizações e contributo na luta de libertação nacional.

Edição  
Centro de Investigação e de  
Intervenção Social (CIS-IUL)/Lisboa

Âmbito  
Linha temática Género,  
Sexualidades e Interseccionalidade

Organização  
João Manuel de Oliveira  
Conceição Nogueira

Edição  
2018

Design gráfico e paginação  
vivóeusébio

ISBN  
978-989-781-057-2

Impressão  
Gráfica Maiadouro

Depósito Legal  
450727/19

Financiado por

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons -  
Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual - 4.0 Internacional

# Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo